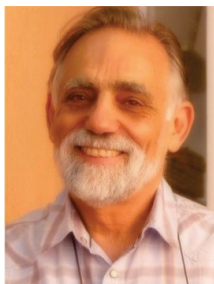


Josef David Yaari
*Universidade de São Paulo /
Instituto ProLíbera*



Psicólogo e Pedagogo, Bacharel em Farmácia e Bioquímica, Terapeuta Familiar e de Casais, Consultor Biográfico Multidisciplinar, Mestre em Ciências Ambientais e Doutorando em Psicologia Social pela Universidade de São Paulo (USP). Membro do Grupo de Pesquisa Mitopoética da Cidade e do Laboratório de Psicologia Socioambiental e Intervenção (Lapsi/IPUSP). Autor dos livros “Psicologia da Metamorfose”, “Os Novos Ritos de Passagem”, “Os Doze Sentidos” e “Cadernos de Psicologia Metaformal e Consultoria Biográfica Multidisciplinar”.

CV: <http://lattes.cnpq.br/8411562788556370>

E-MAIL: josefyaari@gmail.com

ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-7092-7085>

O Indivíduo como fenômeno trajetivo

RESUMO: Normalmente considera-se o indivíduo como fenômeno subjetivo, ou seja, sujeito à sua história e dependente de fatores culturais, sócio econômicos, raciais... Para ampliar e aprofundar essas afirmações é nossa proposta neste artigo enumerar alguns dos principais fatos morfológicos diferenciais na embriogênese humana em relação aos outros primatas, como também citar fatos morfológicos que levam ao andar, falar e pensar, fundamentais para que cada indivíduo, por sua pró-atividade, possa assumir-se como fato, não só subjetivo ou objetivo, mas trajetivo.

PALAVRAS CHAVE: OBJETIVO, SUBJETIVO, TRAJETIVO, PRESENÇA, “SI MESMO”, EU, CONFIGURAÇÃO MORFO/ANTROPOLÓGICA.

The individual as a trajectory phenomenon

ABSTRACT: The individual is usually considered as a subjective phenomenon, that is, subject to its history and dependent on cultural factors, socioeconomic, racial ... To broaden and deepen these statements is our proposal in this article to list some of the main differential morphological facts in embryogenesis human relationship to other primates, as well as to cite morphological facts that lead to walking, speaking and thinking, fundamental for each individual, through his proactivity, to assume as fact, not only subjective or objective, but “trajectory”.

KEYWORDS: OBJECTIVE, SUBJECTIVE, TRAJECTIVE, PRESENCE, “*SELF*”, *I*, MORPHO/ANTHROPOLOGICAL CONFIGURATION.

O Indivíduo como fenômeno trajetivo

Josef David Yaari

Universidade de São Paulo / Instituto ProLibera

1) A GRANDE ORDEM

O fato de vivermos num mundo do qual pouco sabemos e que, por seus mistérios, nos deixa perplexos, é uma realidade inerente e obrigatória a todas elaborações científicas, filosóficas e religiosas. No entanto, isso nos faz refletir sobre a revelação de uma ordem, uma regularidade, algo muito maior do que nossa compreensão abarca. Nosso corpo continua tendo muitos mistérios e o espaço sideral mais ainda. É isso: há uma Ordem Imanente que justifica a ciência e todas elaborações culturais. Porque a existência da ciência e as outras elaborações culturais pressupõe a regularidade e a ordem no mundo.

Por outro lado, parece evidente e inerente ao que foi dito acima que nós como seres humanos, apresentamos uma postura única nesta Ordem, pois nos mantemos perante esta Ordem e simultaneamente dentro dela. Como isso acontece? Quem é este ser cuja presença (não necessariamente como sinônimo do *dasein* heideggeriano, mas como representação de força e potência) é capaz de se colocar perante a Ordem e, ao mesmo tempo, situar-se dentro da mesma? Como por nossa atuação essa Grande Ordem Imanente se torna Ampliada e Emanente?

2) MAIS QUE O INSTINTO HÁ UMA VONTADE QUE SE TRADUZ EM BUSCA

O ser humano, mistério a ser compreendido, se revela desde a tenra infância como vontade, busca. Há em nós uma intencionalidade. Queremos! Eu sou um Eu que quer! Edmund Gustav Albrecht Husserl (1859-1938), acentua que esta busca tem fundamento na intencionalidade que opera em toda prática científica. É importante notar que a intencionalidade é fato que escapa à maioria dos pesquisadores na atualidade. Muitas vezes se esquece que o ser humano é um ser ativo e por decisão própria pode se tornar pró-ativo e realizar atividades como um ser objetivo como fato apodítico que se vale tanto de sujeitos como de coisas para sua atuação. Este fato contraria a visão comum de sermos sujeitos (assujeitados) de nossa história.

Ora, assumindo estes preceitos, há a possibilidade de uma ação de conhecer que dispensa a metafísica e se atém à fenomenologia, mantendo a partir daí, uma permanente atividade hermenêutica, como sendo, então, uma fenomenologia hermenêutica que nunca define ou explica, mas caracteriza cada fenômeno em sua expressão circunstancial em forma de “simbolizações eficazes”, com todo o rigor do método científico (que deve sempre desconfiar da mera observação dos sentidos e, mais ainda, das conclusões, afirmações ou explicações). Sempre, na prática, a ciência trabalha com simbolizações eficazes como é a teoria atômica, a espiral do DNA e, afinal, todas as elaborações culturais da humanidade que, para os pesquisadores sérios nunca são “explicações definitivas dos fenômenos”.

E, aqui então, aproximamo-nos de Franz Brentano (1838 – 1917), psicólogo austríaco e professor de Husserl e de Sigmund Schlomo Freud (1856 – 1939). Brentano aproxima-se de Goethe

quando se refere à consciência como *ato* e não como conteúdo. Ou seja, a consciência não é algo que está dentro de um recipiente corporal ou comportamental, mas um *ato* que visa um objeto.

Outro fato central é apontado por Eudoro de Souza em seu livro “Mitologia” quando logo na primeira página diz: “O *homem é o animal que se recusa a aceitar o que gratuitamente lhe deram e gratuitamente lhe dão. (...) o homem é a própria recusa, antes de ser o quer que seja ou o quer que venha a ser.*” Ou seja, o ser humano se diferencia amplamente dos outros primatas por uma atitude não natural, colocando-se assim, como já dito acima, *perante* o mundo e, simultaneamente, *dentro* do mundo.

3) A CONFIGURAÇÃO MORFO-ANTROPOLÓGICA E SUA COMPLEMENTAÇÃO PELA FENOMENOLOGIA DO ANDAR, FALAR E PENSAR

É da ordem do Real, paralela, aquém ou além de esquemas, modelos e discursos de qualquer natureza, a presença silenciosa do “Si Mesmo” que, como ato, vai tornando possível ser no mundo sobre o chão. A sensação (pelo uso da organização sensorial) e depois o sentimento (pelo uso da organização anímico/psicológica) dessa presença, como sendo o “Si Mesmo” em cada um de nós, já ocorre desde a primeira infância.

Esta presença foi apontada por Heidegger e quando ele traz o conceito de *dasein*, nos diz que somos, constitutivamente, “*Ser-Aí entre as coisas e todos os outros seres*” e sendo sempre o meu *Aí, posso* me abrir à possibilidade de uma maior consciência da responsabilidade individual de chegar ao “Eu Sou” (ou ao que Heidegger indicava como processo de singularização). O caminho que vai do “Si Mesmo” para a assunção do “Eu”, ocorre em torno dos dois anos e meio de idade, em média. A partir daí se dá aquilo que vai nos ocu-

par a vida inteira: chegar ao “Eu Sou”, que significa assumir a postura de protagonista de sua história e, não, como já dito antes, de ser “assujeitado à sua história”, o que modifica boa parte das posturas sociológicas e antropológicas que dominam a Psicologia Social.

É retomada a prioridade da Biologia, fazendo, no entanto, a evolução da Biologia para a Antropologia Física que demonstra objetivamente a emergência do indivíduo epistêmico que “Sendo Aí” (Dasein) pode se tornar responsável por sua existência e que, assim, pode indicar a emancipação real do ser livre e criativo. Com essa forma, a matriz fenomenológica da psicologia mantém o rigor científico, que agora ainda deve ser ampliado pela visão do Conceito da Integralidade, que assume a perspectiva contemporânea da complexidade, aproximando-nos das elaborações do professor Frederic Munné (professor e pesquisador em Psicologia Social na Universidade de Barcelona, além de ser atuante em várias outras universidades, principalmente de língua espanhola).

Munné, em lugar de circunscrever o uso de conceitos a limites determinados e precisos, propõe o compromisso epistemológico da perspectiva da complexidade, que está posto sobre o impreciso, o difuso, o indeterminado e, fundamentalmente, sobre o possível. Assim, em sua obra afirma que: *“isso significa que uma coisa pode pertencer ou não pertencer, a um mesmo conjunto, simplesmente porque os critérios de pertinência não são nítidos”* (Munné, 2013). Dessa forma, o autor questiona, põe em dúvida, a prevalência das definições operacionais que caracterizam o desenho e o controle experimental, algo que considera uma típica estratégia reducionista da investigação científica em Psicologia, abrindo o campo para a compreensão dos processos inerentes à criatividade e pensamento científico mais abrangente. Esta postura nos aproxima do que acima caracterizamos como o fato

que nos permite afirmar que a atividade humana, na Ciência, na Arte – afinal, em todas as suas expressões pelo uso de simbolizações eficazes – não necessita e nunca realizou “explicações” ou “verdades definitivas”.

Ampliando esta perspectiva, valemo-nos da obra do filósofo Hans-Georg Gadamer, que pela proposição de superar a hermenêutica comum, enfatiza o ser humano como a questão central do conhecimento e propõe o já citado conceito da Integralidade. Este conceito vem sendo lentamente acolhido nas premissas da comunidade científica, promovendo o contínuo diálogo com as mais diversas disciplinas do conhecimento do ser humano e provocando a retomada de vários aspectos das pesquisas científicas e a constatação da necessidade de reestudar importantes descobertas, além de integrar conhecimentos de várias tradições culturais que afinal, como Jean Piaget (1974) deixou claro, sempre se orientam por uma lógica intrínseca. Por isto, o Conceito da Integralidade vem sendo proposto com muita ênfase na área da formação médica, em confronto com o chamado “Relatório Flexner”¹, que ainda domina boa parte da visão epistemológica, influenciando conclusões e procedimentos considerados cada vez mais discutíveis por vários autores (p.e., PAGLIOSA & DA ROS, 2008). Justamente por integrar outras disciplinas à biologia, fazendo-a “conversar” com as questões antropológicas, sociológicas e, ainda, com os determinantes econômicos, jurídicos e culturais contemporâneos (incluindo as mesmas questões e determinantes das antigas tradições), o conceito em questão contém em sua gênese a possibilidade de compreender mais amplamente a expressão dos

¹ Documento “Medical Education in the United States and Canada – A Report to the Carnegie Foundation for the Advancement and Teaching”, publicado em 1910, que propõe a expansão do ensino clínico, priorizando a ênfase na pesquisa biológica como forma de superar a era empírica deste ensino, tomando-se um guia da formação médica em nível internacional.

fenômenos acessíveis às ciências em geral, mas principalmente as assim chamadas Ciências Humanas ou “Ciências do Espírito”. Assim, Hans-Georg Gadamer não se atém apenas ao “*como interpretar*”, mas também à indicação de um sentido para a compreensão do humano como o objeto essencial do conhecimento. Para ele, o fenômeno humano, exige ir além do método científico predominante nas ciências naturais.

Diante dessas elaborações, sugerimos o estudo e a prática do conceito da Integralidade por meio da proposta fenomenológica denominada de “goetheanismo”, desenvolvida por Rudolf Steiner a partir de seu trabalho de catalogação e reorganização dos estudos científicos de Goethe (arquivos de Goethe e Schiller em Weimar na Alemanha). O goetheanismo vai além do racionalismo e indica a necessidade de incluir a realidade da permanente metamorfose, não só na visão biológico/sistêmica, mas podendo atingir a Antropologia Geral e outras disciplinas científicas. A biologia teve grande evolução com os estudos da Abordagem Goetheanística, em função desta demonstrar as metamorfoses dos diversos tecidos celulares ao longo do desenvolvimento dos seres vivos. Estes estudos também evidenciam como certos tecidos, de maneira única no ser humano, se estabeleceram na sua formação embriológica e na formação posterior, de maneira muito diferente da dos outros mamíferos. Tudo isso parece indicar claramente a necessidade de uma Antropologia Física de abordagem goetheanística, uma Antropologia Física Goetheanística. Mas quando propomos esta abordagem é preciso que se faça uma ampla reordenação da Antropologia Geral, no sentido de incluir novas propostas e caminhos para a expressão humana em suas dimensões não só físicas, mas também anímico/psicológicas e culturais/espirituais.

Na abordagem Goetheanística, a arte é prioritária como a atividade essencial para o conhecimento dos fenômenos naturais

e culturais. Devemos observar que essa prioridade, tem fundamento no “impulso lúdico”, tão bem expresso por Johan Cristoph Friederich von Schiller (1759 – 1805) e mais recentemente por Johan Huizinga (1872 – 1945). Assim, a efetiva ação do conhecer, desde a infância, se exprime quando a criança cria brincadeiras e brinquedos que imitam a sensação e percepção dos fenômenos externos e internos. Este processo continua nas elaborações desenvolvidas ao longo do crescimento e amadurecimento e, ainda, por meio de atividades que chegam à sofisticação cultural e tecnológica da atualidade. Acima de tudo, reiteramos que a arte supera a ilusão das certezas pela elaboração do que denominamos “simbolizações eficazes”, como o são o modelo atômico, os modelos biológicos, as várias formas de expressão dos modelos usados na Química, Física e, afinal, na formulação de ideologias ou doutrinas. Essas “simbolizações eficazes” tornam-se importantes por seus resultados práticos e tem o valor de, ainda assim, não assumirem o foro de verdades definitivas.

Aqui, não se pode deixar de citar a extraordinária contribuição de Gaston Bachelard (1884 – 1962), que colocou a expressão artística, com foco na poética, como afirmação essencial e superior da atividade de conhecer a realidade. É também o caso de Gilbert Durand (1921 – 2012), discípulo e seguidor da obra de Bachelard, quando afirma o dinamismo organizador da imaginação, visto como potência dinâmica que amplia as cópias pragmáticas fornecidas pela percepção. Com estas ampliações, a Antropologia Goetheanística abre a possibilidade de criação de novas e surpreendentes configurações.

Mas é preciso frisar que Goethe chamou atenção para a priorização da forma, dando-lhe o mesmo valor que o conteúdo. A forma da planta, da rocha, do osso, de um órgão e, afinal, de qualquer fenômeno é tão importante de ser estudada quanto o conteúdo.

Por isso, podemos demonstrar os fundamentos físicos e fisiológicos que permitem a revelação da presença do indivíduo objetivo epistêmico que, por sua atividade (como um “acting” permanente, criativo e não só instintivo) elabora seu destino próprio, a cultura e o acesso a diferentes universos de diversas dimensões espaço/temporais; além do fato indiscutível da elaboração das identidades sociais onde se constituem como sujeitos psicológicos, que, sendo assim, são indivíduos subjetivos. Aqui proponho lançar mão do conceito de “*trajection*”, desenvolvido por Augustin Berque².

Berque, valendo-se da expressão “trajeto antropológico” cunhada por Gilbert Durand (1989), estabelece o conceito de “*trajection*” (trajetividade), colocando em questão a dualidade cartesiana de sujeito e objeto. Tomo esta expressão – trajeto antropológico – e daí trajetividade, caracterizando-a como a permanente co-atuação entre as pulsões subjetivas integradas às exigências objetivas, que emanam do Eu pró-ativo, ou seja, da atuação do que venho chamando de “Fator Anthropos”, adiante melhor explicitado como sendo a ação da “*presença de espírito*”, da realidade do espírito nas coisas e da realidade das instâncias sociais. Assim, do conceito de trajetividade resulta a “*mediance*” (conceito de Berque que pode ser traduzido aproximadamente como “mediação”) no sentido de que os fatos também são valores e os valores também são fatos. Ou seja, fatos e valores são realidades trajetivas e não podem ser classificadas como dados objetivos ou subjetivos. Com isso, Berque nos indica que na prática somos seres efetivamente trajetivos que evitam e repelem a velha divisão sujeito e objeto. Assim, este indivíduo se mantém em constante relação dinâmica

2 Nascido em Rabat (Marrocos) em 1942, o francês Augustin Berque é geógrafo, orientalista e também considerado filósofo, sendo atualmente diretor da Ecole de Hautes Etudes em Sciences Sociales em Paris e membro do Centre de Recherches du Japon, sendo que também lecionou na Universidade de Miyagi no Japão entre 1999 e 2001.

entre o subjetivo e o objetivo, chegando aos elementos universais do conhecimento e das práticas humanas.

Assim, as singularidades trajetivas são espacialmente objetivas e subjetivas, materiais e imateriais, pois o protagonista é um “guerreiro”³ que transita e elabora infinitas trajetórias, dando importância ao trajeto, enquanto que para o ser humano “civil sedentário” prevalece a divisão entre o sujeito e o objeto. E aqui então retomo o “Ser-Aí” de Heidegger, no sentido de que “Ser-Aí” é “Ser-Entre” ou “Entre-Ser”. “Entre-Ser” pode ser tomado por “Entre-Tecer-Se”, como uma forma de se colocar num permanente estado meditativo diante dos fatos, sem ceder à tentação de logo “explicar”, elaborar alguma teoria. Isso se dá como se uma experiência ou um fato, fizesse conosco uma “Entre-Vista”, nos perguntando: “E então? O que acontece?” E nossa resposta fosse um convite para que meditássemos e deixássemos nossas percepções sensoriais e percepções das ideias convergentes conviverem entre si, até que os fatos se revelem por si mesmos. Isso também é “Entre-Ter-Se”. Isso é verdadeiro Entretenimento, e não a forma macambúzia de sedentarismo. Nesse sentido, a atividade do cientista, pesquisador, operário, artesão, terapeuta, professor, engenheiro, dona de casa, poeta, músico, etc., pode ser lida como entretenimento, forma de entreter-se com seu objeto de ocupação, mantendo-se assim, permanentemente trajetivo!

3 Fernando Oliveira de Moraes escreve: “Sobre as condições impostas por um mundo racional e tecnológico, Paul Virílio é extremamente crítico quando afirma: De que serve a um homem ganhar o mundo inteiro se ele termina por perder sua alma? (...) Lembremos que “ganhar” significa tanto “chegar” e “alcançar” quanto “conquistar” ou “possuir” (...) Perder sua alma, anima, ou seja, o próprio ser do movimento. Historicamente nos encontramos diante de uma espécie de divisão do conhecimento do “ser no mundo”, de um lado o nômade das origens, para quem predomina o trajeto, a trajetória do ser: e, de outro, o sedentário, para quem prevalece o sujeito e o objeto, movimento em direção ao imóvel, ao inerte, que caracteriza o “civil” sedentário e urbano, em oposição ao guerreiro nômade (...).”

Capítulo 26

O Indivíduo como fenômeno trajetivo
Josef David Yaari

O equívoco de separar o lazer do trabalho, entendendo-se lazer como algo feito apenas para relaxar, nos afasta do entretenimento do realizar, buscar o prazer, substituindo-o por um *outro* entretenimento de não realizar, que apenas atende à carência das sensações, nos afastando do ocupar-se no dia a dia com a alegria, que se entretêm com o ritual da atividade e do descanso. Assim:

1. Há uma configuração morfo-antropológica no ser humano que permite a constatação de uma *presença*, um “Si Mesmo”, em cada um de nós. Ora, esta constatação atesta a interferência de um novo impulso no caminho da evolução que, a partir daí, deixa de ser apenas uma evolução biológica, mas assume uma realidade também antropológica. Por isso, ousa afirmar a interferência do que venho chamando de “*Fator Anthropos*”. Explicitando melhor: em função de seu desenvolvimento embrionário pelo qual alguns órgãos não se especializam como nos outros primatas, o que caracteriza uma certa inadequação para a sobrevivência física, bem como certa pobreza instintiva, o ser humano tem condições não só para a emergência da cultura, mas também para a descoberta desta *presença*, acima caracterizada. A sensação e posterior sentimento do “Si Mesmo como fato apodítico, ou seja, fato dado pela experiência sensorial direta, é também devida à gracilização cranial e consequentes mudanças fisionômicas, além das muitas alterações sensoriais e mesmo anatômicas nos três primeiros anos de vida da criança, pelo desenvolvimento do andar. Pelo andar, realizamos mudanças fundamentais no sentido do equilíbrio, por assumir a postura ereta, e com o sentido cinestésico, com foco na laringe, desenvolvemos a articulação dos sons o que nos permite a fala que já expressa seu pensar⁴. Há ainda o fato de que a sensação do “Si Mes-

4 A sequência dada pelo andar, falar e pensar, segue uma organização neurológica particular

mo” se faz mais presente especialmente pelo tato (pele sem pelos) e pelos outros órgãos de sentidos (paladar, visão, térmico, cenestésico, etc.). O fato primordial é que esta “*presença*” se revela como ato e é fundamental compreender que a contínua atividade interna faz com que esta *presença* se efetive e desenvolva cada vez mais o ser humano como um todo. Assim, desde muito cedo a criança atua chamando a atenção pelo choro, pelo movimento em todas suas expressões, principalmente no brincar, para apreender o mundo e se colocar cada vez mais perante este mundo⁵. Os muitos experimentos e estudos realizados com chimpanzés tem demonstrado que após a idade de um ano, há crescente e rápida perda da capacidade de aprender, na medida em que seu cérebro vai diminuindo e sendo substituído pelo crescimento dos músculos necessários para as atividades da mandíbula que passa a crescer.

II. Ao descobrir, a princípio de forma inconsciente, este “Si Mesmo”, cada criança continua a elaboração de sua morfologia, anatomia e fisiologia, principalmente nos três primeiros anos de vida, na sequência do levantar a cabeça, sentar, gatinhar e finalmente, assumindo sua ativa postura ereta, andar. Esta postura antinatural por excelência, permite a liberação das mãos e, ainda, a relativa liberação do movimento da cabeça o que permite manter o cérebro em repouso enquanto caminha ou corre. No entanto, isso tem ainda muitas outras consequências em toda estrutura óssea e muscular e na organização dos órgãos dentro do corpo. Pelo andar toda movimentação corporal facilita que a musculatura fina se dedique

que é estudada com vários detalhes na neurociência contemporânea.

5 E quando seu movimento fica restrito, ou em outras palavras, não ocorrem seus atos, por quaisquer razões que sejam, a criança não se desenvolve e, daí, não consegue se colocar perante a realidade!

a movimentos mais profundos, como ocorre na laringe, que se ordena para a complexa atividade da fala⁶. A partir daí essa mesma musculatura fina, pelo movimento geral do corpo, abre simultaneamente o acesso à atividade do pensar, que já está no inconsciente, mas se desenvolve conjuntamente com a articulação da fala. Simultaneamente, a criança reafirmando a atividade de seu “Si Mesmo”, elabora a criação de suas primeiras identidades sociais subjetivas;

III. Mais tarde a criação destas identidades subjetivas se faz de maneira muito ampla para fazendo uso de uma imagem antiga de autor desconhecido, cada pessoa realizar-se como “Empreendimento”, como *ato* que nasce da vontade inerente, a princípio inconsciente. Falando de outro modo: a partir deste “Si Mesmo” que se expressa por um “Eu” também inconsciente, cada pessoa se constitui, pela *atividade* inerente, como um “Empreendedor”. Este rapidamente cria um “Gerente”, sua personalidade principal, que se caracteriza como o que comumente se chama de Ego. E o “Empreendedor” junto com seu “Gerente” “contrata” “Colaboradores” que são seus personagens e máscaras. Todas estas figuras relacionadas aqui são subjetivas e, sem a ativação interna, cada pessoa mantém-se no “buraco negro” de sua subjetividade, com suas paixões e redundâncias (Gilles Deleuze, 1995). Ou seja, só o assumir-se pela vontade consciente como um “Eu Sou”, sem apelo a qualquer elaboração metafísica, torna possível chegar ao indivíduo trajetivo e epistêmico, como fato objetivo. Quando esse assumir-se não se realiza, a pessoa fica no lugar comum, preso à personalidade, ao Ego, que é, no dia a dia, sua identidade social estável e subjetiva;

6 O movimento da musculatura fina que exige a articulação das palavras, também passa a ter atuação formativa em toda organização corporal. As pesquisas em fonoaudiologia, mormente nas práticas de Reorganização Neurológica Funcional, têm demonstrado com muita ênfase esse fenômeno.

iv. Estas identidades subjetivas vão exercitando um contínuo aprender no mundo por meio do impulso lúdico, o brincar - fundamento da criatividade e, portanto, da arte. Pelo brincar entramos em contato, inicialmente pelas sensações, com as coisas e com as outras pessoas. E assim, lentamente, vai-se delineando, pelo brincar em seu mais amplo sentido e pelo pensar, o indivíduo trajetivo, como fato objetivo que, então elabora seu conhecer pela criatividade não instintiva e, pelo acesso ao pensar, aos significantes das assim chamadas “Ciências do Espírito” (Matemáticas, Química, Física, Psicologia, História, Estudos das Ideologias, Doutrinas, Direito, Literatura, etc.) que são os fundamentos para todas as ciências;

v. E, então, o ser humano, claro resultado da presença do “*Fator Anthropos*” vai-se diferenciando intensamente em relação aos outros primatas, pois em seu brincar descobre novos elementos e passa a não aceitar o mundo como é dado, caracterizando sua permanente ação transgressiva, fundamento de toda a arte;

vi. A arte é a forma mais ampla de acesso e conhecimento do real, expressando-se pelas elaborações simbólicas e pelas muitas formas de expressão do imaginário, do pensar inspirativo e do pensar intuitivo. Por ser sempre integradora a arte não elimina ou aparta qualquer conhecimento ou experiência. E o Goetheanismo é a postura fenomenológica orientada pela abordagem artística da realidade, ou seja, pela abordagem que constata ser a arte a expressão mais elaborada do impulso lúdico, como o ato soberano para conhecer a realidade. Ora, a arte por sua própria natureza, faz a contínua integração das diversas contribuições individuais, científicas e culturais. Por isso estamos propondo a Antropologia Goetheanística que, por sua apresentação artística da morfologia e especialmente

desta configuração morfo-antropológica, abre uma amplitude que vai muito além da antropologia clássica e da epistemologia;

vii. Schelling, com base no idealismo absoluto iniciado por Fichte estabeleceu o caminho filosófico para a constatação desta *presença* do “Si Mesmo”. No entanto, sua visão idealista, com base na metafísica, só faz sentido para uma época em que não se sabia da configuração morfo-antropológica citada acima, que constata o “Si Mesmo” como sensação imediata do Ser, que “não tem necessidade de explicação e de nenhuma metafísica”. Shelling, em obra citada abaixo, constata que este “Si Mesmo” se caracteriza por um contínuo imobilismo. Para superar este imobilismo, sugere que cada pessoa acesse sua vontade com consciência para realizar sua afirmação como “Eu Sou”, assumindo seu protagonismo no sentido ativo de ser no mundo.

viii. A maneira de assumir-se como um “Eu Sou” com plenitude foi delineada por Rudolf Steiner em seu livro “A Filosofia da Liberdade”, no qual ele chama a atenção para atividade interna que trabalha para acessar a cognição intuitiva, possível pelo que venho chamando de “método científico integral”, que inclui os protocolos do método científico geralmente aplicado, ampliado pela atitude de permanente hermenêutica como acima já caracterizada, e também ampliado por fazer permanentemente o caminho das categorias do pensar intelectual, imaginativo, inspirativo e intuitivo, o que implica contínua meditação e cuidado.

ix. A bem vinda retomada da prioridade do corpo com suas demandas de prazer e vida ativa, como forma trajetiva de atuar no mundo, enfatiza a também prioritária *presença* do

“Si Mesmo” que, por assumir-se conscientemente como um “Eu Sou” (conforme indicado no item VIII), *ativa* de maneira inédita o ser “creador”, artístico, e, por isso, necessariamente aberto pelo exercício permanente de realizar constatações que podem ser resultados de juízos, sem julgar fatos ou comportamentos de acordo com qualquer critério normatizador, iluminista, moralista ou modelador. Por essa conquista, ou seja, por essa *atividade* inerente e por isso constatada por qualquer pessoa, cada ser humano pode perceber também que ocorre simultaneamente a demanda interna, na maioria das vezes inconsciente, da busca contínua da sutil harmonia entre prontidão e serenidade.

x. Por outro lado, permitimo-nos afirmar que a maioria das doenças em todos os níveis físicos, mentais, psicossomáticos, etc., ocorre devido ao sentimento, em geral inconsciente, de impossibilidade de dar este passo em direção ao assumir-se como “Eu Sou”;

xi. Como já dito anteriormente, a atividade artística supera a ilusão das certezas não só por suas obras, mas também por que realiza o que venho chamando de as muitas “simbolizações eficazes”, como vemos no modelo atômico, nos modelos biológicos (por exemplo a “espiral do DNA”) e, nos modelos em todas outras ciências. Esta é, afinal, a forma universal utilizada pelo “fazer” científico, ou seja, elaborar modelos para expressão das descobertas e para a devida operacionalidade que permita a atuação e ampliação do compreender (apreender com) a realidade, que se expressa nos fenômenos das “Ciências Naturais” (os fenômenos físicos) e das “Ciências do Espírito” (os fenômenos da atividade do pensar). Assim tivemos essa maravilhosa atuação do ser humano que chegou hoje às

elaborações práticas em todos os níveis, não só na engenharia, na física, na química e na medicina, com todas as tecnologias a que hoje temos acesso, mas também nas elaborações de ideias, histórias, mitos, imagens e tudo o mais que expressa nossas buscas e possibilidades de atuação ética, estética e solidária no contínuo aprendizado do amor aos fenômenos naturais, às pessoas e às infinitas possibilidades de expressão no mundo em que estamos. E isso ainda nos permite afirmar que a atividade humana na Ciência, na Arte e, afinal, em todas as suas expressões pelo uso das “simbolizações eficazes” não necessita e nunca realizou “explicações” ou “verdades” definitivas.

4) ESTABELECENDO UMA FORMA DINÂMICA DE ORGANIZAÇÃO COMUNITÁRIA EM UM

NOVO LUGAR E UMA NOVA PAISAGEM

As elaborações feitas até aqui sugerem o estabelecimento de um grupo de estudos e trabalhos, com atuação imediata na comunidade pela consciência do impacto e consequências destas elaborações em todas as áreas de atividades humanas – sendo exemplo o *Atelier Transdisciplinar de Investigação e de Práticas Integrativas e Complementares (ATIPIC)*. A concepção deste gênero de *atelier* visa tornar possível a efetiva e contínua elaboração e reelaboração de projetos sociais, comunitários e iniciativas em todos os âmbitos individuais, de grupos como empresas, condomínios de moradias e empreendimentos, não com a instituição de modelos prontos, mas como um processo permanente de configuração artística, a partir da concepção de um *atelier* social que, tendo como centro uma escola para crianças base-

ada numa pedagogia do fazer artístico inspirado na Pedagogia Waldorf (elaborada pelo mesmo Rudolf Steiner, formulador do Goetheanismo), tende a converter-se num círculo de fundamentação e irradiação da comunidade. A partir deste centro, se dá o caminho de educação continuada com adultos num percurso de crescimento, que vai da Identidade Infantil/Biológica, passando pela Identidade Madura/Antropológica para chegar à Identidade Sábia, representada pelas pessoas que se responsabilizam totalmente por si mesmas com a consciência das demandas existentes em toda comunidade. Outra sugestão derivada das considerações acima corresponde ao conceito de Práticas Integrativas e Complementares em Saúde (PICS), que abrange todas as atividades previstas na Política Nacional de Práticas Integrativas e Complementares do Ministério da Saúde (PNPIC/MS), aprovada pela Portaria 971 do MS em maio de 2006 (TELESI JR., 2016).

Trata-se de um caminho que, em suma, pode ser balizado pelo que tenho denominado como *Oito Princípios Antropo/Noéticos*, orientados pela igualdade de oportunidades para todos, fraternidade na vida sócio/econômica e liberdade na vida cultural/espiritual, e fundamentados na compreensão de que, comprovadamente, o ser humano caracteriza-se como:

1. Sendo indivíduo único e livre no sentido de não ser mais compreendido apenas como uma espécie biológica e social/cultural, mas como um ser essencialmente antropológico;
2. Sendo respeitado e estimulado para a plenitude de sua vocação para a realização plena de seus sonhos mais essenciais pela contínua criatividade;

3. Sendo totalmente responsável por seu destino como ser empreendedor, que elabora de maneira abrangente sua personalidade, seus personagens e máscaras, como estratégias eficazes para um agir guiado pela imaginação ética e moral para cada circunstância;

4. Sendo estimulado a vivenciar os multiversos, este indivíduo único por ter, acesso a estes multiversos e muitos campos e hologramas, acessando daí campos intergeracionais e diversas dimensões de espaço/tempo, nos quais todos nós convivemos consciente ou inconscientemente;

5. E que, por isso mesmo, não se deixa guiar por roteiros que constituem crenças limitadoras em todos os níveis pessoais, profissionais e sociais;

6. Assumindo, assim, exercitar continuamente o *ser contente*, por não se deixar dominar por suas ansiedades, abrindo-se para a experiência e vivência da diversidade de seus conteúdos, sem reprimir, mas *contendo* seus impulsos, desejos, instintos e quaisquer comportamentos dirigidos por excessiva antipatia ou simpatia. Isso indica que *ser contente* se dá por um sacro-ofício de cada indivíduo e que se expressa na contenção. Essa contenção se explicita já na formação embrionária e depois no controle dos esfíncteres, no controle das emoções, vontades e da ansiedade de resolver logo seus desafios e dúvidas;

7. Firmando-se, desta maneira, como eterno aprendiz perante a enorme amplitude e situações inesperadas na vida;

8. E, finalmente, assumindo a prioridade do encontro com os outros em círculos comunitários que tenham como centro uma es-

cola voltada para o caminho de crescimento, que vai da *identidade infantil/biológica* para a *identidade madura/antropológica* e, daí para o estímulo da busca da *identidade real sábia*, no sentido de estimular e ser estimulado para contínuas metamorfoses criativas, exercitando assim o permanente aprendizado do amor.

REFERÊNCIAS

- BACH JR., JONAS; STOLTZ, TANIA; VEIGA, MARCELO DA. Schelling e Steiner: da essência da liberdade humana ao individualismo ético. In: Educação e Filosofia. Uberlândia, v. 28, n. 55, p. 423-443, jan./jun. 2014. ISSN 0102-6801
- BACHELARD, GASTON – A Poética do Espaço – Martins Editora
- BACHELARD, GASTON – A Formação do Espírito Científico – Contraponto Editora
- BACHELARD, GASTON – A Filosofia do Não – Editora Presença
- BACHELARD, GASTON – A Epistemologia – Editora 70
- BACHELARD, GASTON – A Intuição do Instante – Verus Editora
- BIE, GUS VAN DER - Embryology - early development from a phenomenological point of view / Anatomy - Human Morphology from a phenomenological point of view – Louis Bolk Institute (louisbolck.org)
- BORTOFT, HENRY – Taking Appearance Seriously: The Dynamic Way of Seeing in Goethe and European Thought, Floris Books, 2012, ISBN 978-86315-927-5.
- DELEUZE, GILLES – GUATTARI, FÉLIX. Mil Platôs: capitalismo e esquizofrenia, vol. 2. São Paulo: Ed. 34, 1995
- DELEUZE, GILLES – GUATTARI, FÉLIX. O Anti-Édipo. Rio de Janeiro: Imago Editora Ltda., 1976
- DURAND, GILBERT – As estruturas antropológicas do imaginário – Editorial Presença – Lisboa – 1989
- GADAMER, HANS-GERG - “Hegel, Husserl, Heidegger” - Editora Vozes - 2012
- GOETHE, J.W. A metamorfose das plantas. Lisboa: Imprensa Nacional-Casa da Moeda, 1993a.
- GOETHE, J.W. Doutrina das Cores. São Paulo: Nova Alexandria, 1993b.

GOETHE, J.W. Máximas e reflexões. 2ª ed. Lisboa: Guimarães Editores, 1992.

GOETHE, J.W. Segunda parte: teoria general de la naturaleza. In: GOETHE, J.W. Teoría de la naturaleza. Madrid: Editorial Tecnos, 1997. p. 139-251.

HEIDEGGER, MARTIN – Ser e Tempo – Editora Vozes – 2015

HUIZINGA, JOHAN – Homo Ludens – (O Jogo como Elemento da Cultura) – Coleção Estudos – Editora Perspectiva

HUSSERL, EDMUND – Meditações Cartesianas – Introdução à Fenomenologia – Madras Editora, 2001.

MORAES, FERNANDO OLIVEIRA DE. A festa do Divino em Mogi das Cruzes. São Paulo: Anablume/FAPESP, 2003

MUNNÉ – FREDERIC – Perfecto e imperfecto: completo. Estudios sobre la complejidad. Bogotá:

Califórnia-Edit, 2013.

PAGLIOSA, FERNANDO LUIZ, & DA ROS, MARCO AURÉLIO. (2008). O relatório Flexner: para o bem e para o mal. Revista Brasileira de Educação Médica, 32(4), 492-499. <https://dx.doi.org/10.1590/S0100-55022008000400012>

PIAGET, JEAN; BETH, E.; MAYS W. – Epistemologia. Genética e Pesquisa Psicológica – Editora Livraria Freitas Bastos – 1974

RAMOZZI-CHIAROTTINO, ZÉLIA – Sistemas Lógicos e Sistemas de Significação na obra de Jean Piaget. Psicologia-USP, São Paulo, 2(1/2): 21-23, 1991.

RICOEUR, PAUL – Outramente – Editora Vozes – Petrópolis, 1999

SCHELLING, FRIEDERICH W. J. A essência da liberdade humana: investigações filosóficas sobre a essência da liberdade humana e das questões conexas. Petrópolis, RJ: Vozes, 1991.

Capítulo 26

O Indivíduo como fenômeno trajetivo
Josef David Yaari

STEINER, RUDOLF- A Filosofia da
Liberdade – Editora Antroposófica

TELESI JR. EMÍLIO. (2016). Práticas
integrativas e complementares em
saúde, uma nova eficácia para o
SUS. Estudos Avançados, 30(86),
99-112. [https://dx.doi.org/10.1590/
S0103-40142016.00100007](https://dx.doi.org/10.1590/S0103-40142016.00100007)

Capítulo 26

O Indivíduo como fenômeno trajetivo
Josef David Yaari

